



SEMEANDO DISCUSSÕES: A DISCIPLINA “EDUCAÇÃO DO CAMPO” NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS

ANDRESSO MARQUES TORRES

ALICIA MARQUES TORRES

EIXO: 3. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS

RESUMO

O texto teve como objetivo compreender as contribuições da disciplina “Educação do Campo” para os graduandos em pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas, campus II. Nesse interim buscou através das falas dos respectivos alunos, apontar para a necessidade de cada vez mais se estudar o campesinato em suas diversas vertentes nos cursos de licenciaturas, defendemos, sobretudo, essa discussão no Campus II da Uneal, visto que o mesmo está localizado no semiárido alagoano. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisa qualitativa, utilizando com técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Utilizou-se como fundamentação, teóricos como Caldart; Arroyo; Molina (2011) Jesus (2014) Pereira (2008) entre outros. As falas das alunas sinalizam a contribuição que a disciplina “Educação do Campo” proporcionou em termos de compreensão mais crítica do espaço campesino e a educação em seu meio.

Palavras – Chave: Educação do Campo. Uneal. Curso de Pedagogia.

ABSTRACT

The text aimed at understanding the contributions of discipline "Field of the Education" for students in pedagogy at the State University of Alagoas, campus II. Meanwhile sought through the speech of their students, point to the need for increasingly studying the peasantry in its various forms in undergraduate courses, defend, above all, this discussion on the Campus II of Uneal, since it is located in semiarid Alagoas. The methodology used was based on qualitative research using with data collection technique the semi-structured interview. It was used as rationale, theoretical as Caldart; Arroyo; Molina (2011) Jesus (2014) Pereira (2008) among others. The speeches of the students indicate the contribution that discipline "Rural Education" provided in terms of more critical understanding of peasant space and education in their midst.

Key - Words: Field of the Education. Uneal. Faculty of Education.

1. PARA INICIO DE CONVERSA...

A Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL possui seis campi espalhados pelas principais cidades de Alagoas, dentre elas: Arapiraca, Santana do Ipanema, Palmeira dos Índios, União dos Palmares, São Miguel dos Campos e Maceió, dentre todos os campi, o campus II – Santana do Ipanema, está localizado no semiárido e oferta 3 cursos (Pedagogia, Zootecnia e Ciências Biológicas) é possível perceber em ambos os cursos uma presença maciça de estudantes da zona rural, não realizamos nem foi realizada nenhuma pesquisa que demonstre em qual curso esse presença é maior, e também não se constitui como objetivo do trabalho.

Nesse sentido, queremos demonstrar a importância de se oportunizar o debate sobre a Educação do Campo no currículo desses cursos de licenciaturas, visto que Zootecnia já faz uma discussão sobre o rural, pois, alguns desses sujeitos ao concluírem seus cursos trabalharão com crianças tanto nas escolas do campo, quanto com crianças

oriundas das zonas rurais nas escolas da cidade. E estudos têm revelado as práticas multifacetadas presentes nas práticas pedagógicas geradas por aqueles que não conhecem ou não querem conhecer a especificidade do espaço rural, atribuindo assim, uma educação urbanocêntrica movida pelos princípios do capitalismo e pela visão urbana de desenvolvimento e formação para o mercado de trabalho.

Dentro das reivindicações por políticas públicas para a educação básica do campo, há uma brigada para a “Inclusão de habilitações específicas ou, pelo menos, de disciplinas específicas a esta formação nos cursos de Magistério e nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas”. (CALDART; ARRAOYO; MOLINA, p.51). É dessa premissa que partimos para trazer a tónica os desdobramentos da introdução da disciplina **Educação do Campo** no currículo do curso de pedagogia da UNEAL, campus II, e discorrer sobre as discussões empreendidas ao longo do período, pretende-se trazer os discursos dos alunos que experimentaram o desenrolar do debate.

É notório que os estudos que se preocupam em estudar a fundo a questão agrária no Brasil se defrontam com os movimentos sociais que não mediram esforços para saírem da surdina e empreender lutas em prol da conquista dos seus direitos, dentre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, MST, este movimento nasce, sobretudo a partir da Ligas Camponesas nas décadas de 1960 e 1970 que instituíram em seu bojo o desmonte de latifúndios que se aglomeravam e expropriava o sujeito trabalhador do campo, que com sua esposa e filhos tinham que sair de casa, muitas vezes sem ter para onde ir, assim, a partir desses ocorridos (que não eram poucos) surge às ligações dos camponeses para defender seu direito a terra, moradia e educação. Não obstante a esses ocorridos tem-se a lógica capitalista impregnada no campesinato, que a todo o momento tenta desfazer as relações que vem sendo bordadas ao longo da história, histórias de pessoas trabalhadoras que apenas lutam por um lugar para fincar raízes e dar sustento aos seus filhos, gente que merece um lugar para descansar depois de ter uma quase vida, marcada por exploração, miséria, sujeitos que tiveram seus direitos negados historicamente. A esse respeito, Pereira (2008) diz que:

O capital, com sua lógica essencialmente destrutiva, ao conceber o homem e a natureza como mercadorias e como valor de troca promove a degradação da essência humana ao separar o homem da natureza. O agronegócio se apresenta hoje como expressão de um modelo civilizatório insensato que está levando a humanidade e o planeta à uma destruição total transformando o campo num lugar de morte. (PEREIRA, 2008, p.40).

Através desse enfoque inicial e sua relação com a discussão realizada com a primeira turma, após, a introdução na matriz curricular do curso de pedagogia a disciplina “educação do campo” esperamos que as sementes plantadas no ideário dos alunos germinem e formem outras concepções e que venham embasar outras realidades vividas pelos camponeses, que carecem muito de problematizações e uma defesa junto a suas lutas em prol de uma vida alçada por direitos e não por expropriação e negação de identidades.

Pretendemos com esse trabalho, contribuir com os estudos em **Educação do Campo** e mostrar a importância de discussões que fomentem a análise densa das realidades camponesas e também trazer para a vitrine as concepções firmadas pelos estudantes de pedagogia.

1. EDUCAÇÃO DO CAMPO: SEMENTE PLANTADA NO CURSO PEDAGOGIA

No início desse escrito, já foi mencionado à importância de se discutir o rural em uma nova perspectiva, a educacional, atribuindo sentido as lutas travadas pelos movimentos sociais do campo que desnudam as máscaras do capitalismo e o discurso grotesco que caracteriza o campo como um lugar atrasado e destituído de civilidade, desse modo, os sujeitos que lá teciam suas relações possuíam as referidas características. Sob o olhar atento as discussões é possível galgar outros referenciais para embasar um saber que possa dar suporte para debates futuros, queremos com isso, deixar claro, que uma disciplina de 60h não possibilitar um aprofundamento maciço de questões que são inerentes ao processo de formação do campo brasileiro, mas questões basilares para se pensar em que essa formação implicou nas atuais conjunturas e qual a gênese dos movimentos sociais do campo que na atualidade, lutam por uma educação básica do campo, que consiga atrelar saber acumulado as vivências cotidianas das crianças, para que possam relacionar as lutas memoráveis desses referidos movimentos com sua existência e condições de vida atual, não negando a história que é tão importante e defendida para as novas gerações que, precisam crescer com o espírito de luta e se esquivar das armadilhas sociais que a todo momento tenta impregnar um discurso contrário, na tentativa de a partir das bases desvirtuar todo um movimento.

No projeto pedagógico do curso de Pedagogia da Uneal, campus II, a disciplina Educação do Campo, possui uma carga horária de 60h e tem como ementa discutir o:

Contexto histórico da educação do campo. Paradigmas da educação do campo brasileiro. Traços de identidade da educação do campo. Políticas e diretrizes da educação do campo. O currículo das escolas do campo. O papel dos movimentos sociais na educação do campo. Socialização de produção de diferentes saberes: diversidade, contextualização, integração de conhecimentos, desenvolvimento sustentável. (UNEAL, 2012)

A partir da leitura da ementa da disciplina é possível notar uma diversidade de abordagens que, se socializadas,

traria uma contribuição a diferentes modos para sujeitos também diferentes, pois, é pertinente destacar que há a presença de sujeitos que não participam efetivamente da corrente de debates que intercalam a **educação do campo**, devido a um assujeitamento a um sistema educacional que não vê as crianças em suas especificidades, muitas delas, passam horas dentro de um transporte precário para chegar à escola na cidade por que a sua no campo foi fechada. Contudo, não podemos negar as práticas que vem sendo construídas e socializadas pela literatura, práticas essas que vem desmontando o discurso contrário e apresentando o campo em suas mais leais vertentes, isto é, um espaço de construção e socialização de saberes.

Em relação à sistematização e divulgação dessas experiências, podemos observar que estão sendo feitas nos encontros nacionais, internacionais, e também há uma presença de estudos nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, muitos tratando da formação de professores, pedagogia da terra, práticas pedagógicas, segundo Jesus (2014):

Além das teses e dissertações, existem dezenas de trabalhos apresentados nos encontros nacionais e regionais de educação (ANPED, EPENN) sobre os temas descritos. É significativa também a apresentação de trabalhos em eventos nacionais de pesquisa em educação do campo realizados pelas universidades. As preocupações principais nos encontros giram em torno das temáticas de educação do campo, movimentos sociais e políticas públicas; educação do campo e desenvolvimento; formação e trabalho docente nas escolas do campo; políticas de educação profissional no campo; educação do campo e comunicação. (JESUS, 2014, pp.274-275).

Os trabalhos apresentados segundo a autora combinam pesquisa participante, pesquisa-ação e estudos de caso sob a abordagem qualitativa. Nessa via podemos perceber que a educação do campo está saindo da surdina e alcançando os bancos das universidades chamando a atenção de pesquisadores das mais diversas áreas, superando assim, o paradigma de educação rural que privilegiava uma educação voltada à conformação e a compensação de um direito negado historicamente. É na certeza da superação desse modelo fragmentado que partimos para uma compreensão de educação do campo comprometida com os direitos dos sujeitos que lutam para viverem dignamente. É pelas crianças que saem todos os dias de barco (referindo-se a região norte) ou de carros precários (referindo-se a outras realidades) arriscando suas próprias vidas, que nos propomos a mostrar através de relatos dos estudantes a importância de cada vez mais discutir educação do campo, movimentos sociais, MST, no curso de pedagogia, não queremos com isso, defender que um curso de 3200 horas e com uma disciplina de 60h para discutir a EC (educação do campo), dê conta de todo referencial teórico, que se pretende para um professor que vai atuar no espaço rural, todavia, defendemos as sementes da educação do campo como possibilidade de o estudante galgar outras referências e construir dentro do seu espaço seja ele camponês ou não, as experiências possíveis.

O próprio MST sistematizou uma cartilha para discutir as premissas para uma educação voltada aos povos camponeses, contendo nessa os elementos de lutas e suas bases filosóficas e pedagógicas, que dão sustentação as concepções sobre a educação que se pretende para os assentamentos rurais, nesse sentido definem educação e em sua corrente a escola como imprescindível, pois, nesse espaço atualmente é feita a maior parte da socialização, principalmente das crianças.

Sendo assim, no MST, em sua base de articulação, está a educação para a transformação social, cujos pilares principais estão à justiça social e a radicalidade democrática.

Este é o horizonte que define o caráter da educação do MST: um processo pedagógico que se assume como político, ou seja, que se vincula organicamente com os processos sociais e visam à transformação da sociedade atual, e a construção, desde já, de uma nova ordem social, cujo os pilares principais sejam, a justiça social, a radicalidade democrática e os valores humanistas e socialistas. (MST, 1996, p.6).

Percebe-se uma convicção em relação ao papel exercido pela escola no exercício de práticas que valorizem a formação de um sujeito crítico capaz de transformar a realidade, materializando para além dos discursos os saberes provenientes de lutas e, sobretudo olhando a coletividade, pois, a luta é de todos, o problema não é de um ou de outro, mas da comunidade, e assim sendo, ambos devem sistematizar seus ideais e convicts dos mesmos buscar o companheirismo.

1. SENTIDOS ATRIBUÍDOS A DISCIPLINA “EDUCAÇÃO DO CAMPO” PELOS GRADUANDOS EM PEDAGOGIA

Como já citado nos meandros do texto, nosso principal objetivo é entender quais foram os impactos/contribuições da discussão empreendida na disciplina “educação do campo” para os graduandos em pedagogia, desse modo, realizamos junto a 5 alunas, uma entrevista semiestruturada, buscando elementos que confirma-se ou não, a contribuição da referida disciplina, para sua formação e seu olhar mais sensível a educação do campo.

É notório que as transformações ocorridas nos últimos tempos, sobretudo a partir do final do século XX e início deste, têm influenciado nas relações intersubjetivas. Nesse ínterim não propomos apresentar conceitos profundos,

percepções criteriosas nem narrativas insólitas dos graduandos, mas, estabelecer parâmetros norteadores de possíveis mudanças no olhar a educação do campo e, os sujeitos camponeses, construindo pontes para se posicionar frente à realidade, conhecendo as lutas dos movimentos sociais, compreendendo e atribuindo importância e significados as subjetividades das crianças do campo.

Nesse sentido, podemos considerar que tais mudanças na dinâmica social, respingaram nos modos de ver e conceber o campo, na realização da entrevista dentre as cinco alunas, quatro residem na zona rural, apenas uma, na zona urbana, em relação à escolha do curso, as mesmas afirmam que foi:

Devido ser o curso que mais me identifiquei/identifico dentre as ofertas de graduação que há no campus II da Uneal, também por causa de certa influência que sofri por parte de algumas pessoas da família formadas na área e também atuantes. (ALUNA A)

Por ser o curso que mais me identifico, dentre aqueles oferecidos em uma cidade próxima e de caráter presencial, como também por trazer várias possibilidades no campo profissional. Além de apresentar uma visão ampla sobre a educação, esta que já me chamava atenção. (ALUNA C)

Por me identificar com o curso, pois cursei o normal e foi um meio determinante para essa minha escolha e por ser um dos cursos que é mais próximo de onde eu moro. (ALUNA D)

Percebe-se que a escolha por pedagogia deve-se a: identificação que tem com o curso (dentre as opções), mercado de trabalho, influência de familiares, por já ter cursado o Normal Médio, mas também não negam que foi determinante a proximidade com o lugar onde mora. Sendo uma questão muito discutida na universidade e fora dela, a formação docente é um tema recorrente de análises, por ter público específico, carece de pesquisas cada vez mais densas, vale ressaltar que a pedagogia com ênfase para a docência na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, tem em seu bojo o professor alfabetizador, um profissional que consiga construir mecanismos para mediar à aprendizagem, desse modo, entendemos que o espaço em que atuará o pedagogo é múltiplo, e um deles poderá vir a ser o espaço camponês.

Com base nesses pressupostos indagamos sobre o que entendiam por “Educação do Campo” para balizar os desdobramentos da disciplina e em que a pedagogia como campo conceitual contribuiu para solidificar conceitos. Observamos as seguintes definições:

É uma política que busca fazer com que os sujeitos do campo construam uma identidade junto à realidade camponesa, isso, a partir de uma oferta de educação escolar específica a realidade do campo, ou seja, com um currículo próprio. (ALUNA A).

Uma educação na qual deve ser repensada e que necessita ser voltado o olhar urgentemente, pois existe a educação do campo, mais não a educação para o campo, em que o currículo seja pensado de acordo com a realidade desses sujeitos, trazendo para discussão as vivências dos mesmos, suas fragilidades e dificuldades. (ALUNA B).

Contempla uma reflexão sobre os sujeitos que residem nos espaços rurais, analisando a complexa dinâmica de vida e sobrevivência nesse local, favorecendo uma discussão política, histórica, social, cultural, que indica caminhos para uma compreensão ampla. A questão educacional é um tema central dessa discussão que evidencia problemáticas da comunidade escolar, adquiridas ao longo da história. (ALUNA C).

É uma educação que possibilita enxergar as especificidades do meio rural fazendo com que os indivíduos possam ter acesso às informações para aprimorar-se na construção dos seus conhecimentos. (ALUNA D).

É notável nas falas das respectivas alunas que o foco primordial são os desdobramentos das práticas educativas no meio rural, enfocando a compreensão da realidade dos alunos, e que os mesmos possam ter uma educação que esteja de acordo com suas vivências, há a necessidade de se pensar mais no que venha a ser a educação campo, ultrapassando a concepção de dualidade, entre educação do campo e educação da cidade, os investimentos devem primordialmente levar em consideração uma educação de qualidade para todos, com isso não estamos querendo dizer que não se pense a educação do campo em suas particularidades, pois, se assim fosse estávamos negando toda a luta travada em prol de uma educação básica do campo, e contribuindo para ao silenciamento da educação no espaço rural, como afirma Caldart (2011, p.08) [...] o desinteresse sobre o rural nas pesquisas sociais e educacionais é um dado histórico que se tornava preocupante. Por que a educação da população do campo foi esquecida? [...]. Nesse sentido queremos chamar atenção para um envolvimento maior das camadas da sociedade, reclamando o direito a uma educação de qualidade para todos, no campo, na cidade, uma educação que consiga acima de tudo, dignificar o homem, levando-o a entender seus direitos para que não os tenha violado; uma pedagogia humana, enraizada com os valores éticos e morais de uma sociedade justa.

Em relação às contribuições que a disciplina trouxe para a vida profissional e pessoal, as mesmas afirmaram que a disciplina proporcionou:

[...] um olhar mais crítico frente às questões voltadas ao campo, principalmente questões educacionais. Na condição de

também sujeito do campo, vejo a importância que tem essa política para esses povos, para a construção de sua identidade. (ALUNA A).

Possibilitou uma visão mais ampla, um olhar mais atento e até mesmo crítico, fazendo distinção de uma educação do campo e uma educação para o campo, colocando em evidência os sujeitos que a compõem, suas necessidades e dificuldades, necessitando que haja a criação de um currículo voltado para esta concepção, além da construção de profissionais críticos, com o propósito de mediar essas discussões. (ALUNA B).

A discussão contribuiu para um avanço profissional, visto que a atuação do pedagogo é abrangente chegando aos diversos espaços e com diversas culturas e singularidades. Na vida pessoal houve um engrandecimento imensurável pela importância visão de mundo conquistada durante os debates. (ALUNA C)

Os estudos que fiz relacionado à educação do campo foram todos gratificantes, pois mim possibilitou a enxergar o campo com mais criticidade que antes não há tinha. Hoje percebo que a contribuição que as pessoas que vivem no campo realizam para a sociedade é muito mais do que imaginava. Não só no que se refere à agricultura, mas sim as suas diversidades. Dessa forma, ocasiona-me a refletir nessa realidade de perceber que é preciso fazer uma prática pedagógica diferenciada não dar mais pra comparar o meio rural de um urbano. (ALUNA D)

A partir dos relatos, é possível perceber que a disciplina contribui significativamente para o entendimento de questões relacionadas ao meio rural e qual educação precisa ser defendida/discutida para atender a essa população, despertando o olhar mais atento e crítico para a educação no/do campo: “No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”. (CALDART, 2011, pp.149-150)

Foi percebendo a importância de estudar a tática da educação do campo que este trabalho se fez possível, a importância atribuída pelos/as graduandas do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas à educação do campo, nos faz ver que a semente plantada no curso de pedagogia está germinada e daqui em diante basta regar para que venha se desenvolver vitalícia e com força, formando ramificação para os lugares, interferindo diretamente no meio social e cultural.

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O panorama apresentado teve como objetivo analisar as contribuições da discussão empreendida na disciplina “educação do campo” para os graduandos do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas – Uneal, campus II, especificamente trazemos as falas de cinco alunas do curso, para entender em que sentido a disciplina contribuiu para a formação pessoal e profissional, ao longo do texto vamos tecendo alguns comentários sobre as questões que envolvem a educação do campo, MST, e suas lutas pela reforma agrária e a conquista dos seus direitos mais elementares, direito a moradia, a educação à vida.

No bojo das concepções sobre educação do campo, como política direito do estado, é importante frisar a longa caminhada que vem se fazendo até conseguir chegar às mudanças atuais, os autores que se dedicam a estudar a educação do campo mais criteriosamente, afirmam que as conquistas não se deram no clarear do dia, mas, a um enfrentamento junto aos órgãos de fomento para reclamar direitos que ora lhes forma negados, nesse sentido, entendemos que muito já se fez, mais ainda há muito que se fazer.

As falas das alunas de pedagogia sinalizam o quanto a disciplina contribuiu para compreender elementos basilares no que tange a educação do campo, apontam também para a necessidade de se enfrentar novas discussões para manter viva a semente que ora germina, aspirando novos horizontes discursivos. Esperamos que esse entendimento do que venha a ser uma educação do/no campo contribua para as graduandas intervir nos seus espaços, que não se calem diante das injustiças cometidas todos os dias contra as crianças do campo, que não sejamos coniventes com as práticas multifacetadas que desconhecem a luta histórica dos movimentos sociais e a todo instante, tenta impregnar uma cultura distante daquela vivida pelos educandos, afirmando grotescamente que aquele jeito é o mais correto de conceber o cotidiano.

1. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação básica do campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de. **Experiências de formação de professores para escolas do campo e a contribuição da universidade**. Disponível em < https://www.ufpe.br/cead/estudosepesquisa/textos/sonia_meire2.pdf> acesso em 2014.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Princípios da educação no MST. **Caderno n. 9**, 1996. pp.1-32.
PEREIRA, Antonio Alberto. **Pedagogia do movimento camponês na Paraíba:**
Das ligas camponesas aos assentamentos rurais. João Pessoa, 2008. 195p. Tese de Doutorado– Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

UNEAL (2012). **Projeto Político e Pedagógico do Curso de Pedagogia** [s.n.t].

[1] Licenciando em pedagogia. UNEAL, campus II.

[1] Licenciando em Ciências Biológicas. UNEAL, campus II.

Recebido em: 01/07/2015

Aprovado em: 02/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: